

# *O discurso de ex-alunos de uma escola pública: uma leitura*

**Graziela Lucci de Angelo**

Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, RS, Brasil

## **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma leitura de um conjunto de textos de ex-alunos de uma escola pública tradicional da cidade de Campinas (SP), encaminhados via internet, por ocasião de uma grande festa dessa escola, relembrando o período de vida em que nela estudaram. O corpus de análise se compõe de textos que contêm expressões consideradas como exemplos de *dêixis discursiva*, como “os bons tempos” ou outros substitutos. A partir da noção de *dêixis discursiva*, presente no estudo de Maingueneau (1989), este estudo procura identificar o sujeito que ocupava a posição de aluno naquela instituição escolar pública.

**Palavras-chave:** discurso, *dêixis discursiva*, memória.

## **Abstract**

The objective of this paper is to read and understand a set of texts written by a group of formers of a traditional and public school in Campinas (SP), mailed by internet, before a big party of this school, remembering the life time lived together in that institution. The corpus is built by texts containing expressions considered discursive deixis examples, such as “those were the days” and others. Using the discursive deixis notion, as it was proposed by Maingueneau (1989), this study aims at identifying the subject that occupied the place of a student in that public school.

**Keywords:** discourse, discursive deixis, memory.

## INTRODUÇÃO

O trabalho que passo a desenvolver tem por objetivo realizar uma leitura reflexiva sobre textos de ex-alunos de uma escola pública de Campinas (SP), a partir da linha francesa de Análise do Discurso, mais precisamente, adotando o estudo de Maingueneau (1989).

Tais textos foram produzidos por ex-alunos de um tradicional estabelecimento de ensino de Campinas, por ocasião de uma grande festa que comemorou os 125 anos de existência daquela instituição, o Colégio Estadual Culto à Ciência.

Como forma de atrair os ex-alunos ao evento, os organizadores da festa abriram, na internet, no sítio [www.cultoaciencia.com.br](http://www.cultoaciencia.com.br), um espaço intitulado “Casos e Causos”, para que ex-alunos escrevessem textos, rememorando episódios da época em que estudaram nessa escola.

Tal iniciativa frutificou, pois, num espaço de tempo de aproximadamente quarenta dias antes da realização da festa, mais de duzentos textos que foram produzidos, voluntariamente, por aproximadamente duzentos ex-alunos, e que passaram a ser prazerosamente lidos por uma comunidade de ex-integrantes do colégio.

Embora os textos tenham sido produzidos por seus autores praticamente num mesmo período, os fatos neles narrados falam de décadas distintas — dos anos 40 aos 90 do século XX. A leitura desses textos permite ver que os seus autores não formam um grupo homogêneo: são pessoas de idades e, até mesmo, de gerações diferentes, com experiências bem distintas, mas que guardam, em comum, o fato de terem, por um período de tempo de suas vidas, estudado na mesma escola pública de Campinas. Por esse fato, também demonstram, em comum, a vontade de contar, de falar do passado e a certeza de serem “ouvidos” por outros que também compartilharam a condição de aluno da mesma instituição.

Desse amplo conjunto de textos, divulgados pela internet, pretendo realizar uma leitura reflexiva sobre um subconjunto dele — o corpus de análise —, a saber, aqueles que apresentam passagens que podem ser interpretadas como exemplos do que Maingueneau (*Ibid.*) denomina *déixis discursiva*.

Tendo por corpus esses textos, esclareço, de antemão, que não estou preocupada com a veracidade do que é narrado, entendendo que é sempre discutível a fidelidade do dizer.

Pretendo trabalhar com o que foi narrado tal como ele se apresenta, para tentar identificar o sujeito que ocupava a posição de aluno naquela instituição escolar pública. Tal conhecimento só poderá ocorrer mediado,

apoiado nas lembranças dos que naquela época viveram a situação de alunos. É contando com eles, com o registro deixado por esses narradores, que procurarei identificar esse sujeito. Que sujeito era esse? A que forças estava submetido? Era o senhor de suas ações? Era o sujeito assujeitado pelas determinações prescritas nos regulamentos da instituição escolar? Ou talvez era aquele que, embora submetido a normas e sanções, encontrava “saídas” individuais, às vezes mesmo pequenas, para burlar o estado de ordem?

Identificar esse sujeito não é tarefa fácil, pois não há como encontrá-lo hoje, decorrido já o tempo. A única via de acesso é pela memória e é preciso saber o “preço” que se paga por essa mediação.

## APOIO TEÓRICO

Para conhecer o que alguns estudiosos têm proposto sobre a memória, sobre sua função, seu funcionamento interpessoal, recorri a Bosi (1994), em seu livro **Memória e sociedade — lembranças de velhos**. Nele, a autora faz referência a vários estudiosos que centraram, na memória, suas reflexões, como Bergson, Halbwachs, Bartlett, Stern. Dentre eles, dá grande destaque aos trabalhos de Bergson e de Halbwachs, cujas idéias principais estão expostas no Capítulo 1: *Bergson, ou a conservação do passado* e *Halbwachs, ou a reconstrução do passado*.

Em breves palavras, procurarei retomar o que diz Bosi a respeito das ideias desses autores sobre a questão da memória.

Destaca que, para Henri Bergson, filósofo da vida psicológica e autor de **Matière et mémoire**, o princípio central da memória é a conservação do passado:

[...] este sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente. (BOSI, 1994, p. 53)

Segundo a autora,

não há, no texto de Bergson, uma tematização dos sujeitos-que-lembram, nem das relações entre sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os nexos interpessoais, falta a rigor, um tratamento da memória como fenômeno social. (Ibid., p. 54)

Contrapõe a visão bergsoniana, cujo método introspectivo leva a uma reflexão sobre a memória em si mesma, sem qualquer interferência de fa-

tores de ordem social ou cultural, à visão do sociólogo Maurice Halbwachs, que não estuda a memória em si, mas os quadros sociais da memória. Para esse autor, as relações de evocação não podem se restringir ao pessoal, e sim passam pela realidade interpessoal das instituições sociais, ou seja,

a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão: enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (Ibid., p. 54)

Pelo fato de Halbwachs dar ênfase às instituições sociais como formadoras do sujeito, ele acaba relativizando o princípio central da visão bergsoniana, segundo a qual o passado se conserva de forma plena e autônoma; contrapondo-se a ela, o representante da teoria psicossocial defende que o curso da memória é desencadeado porque os outros, a situação nos fazem lembrar.

Para Halbwachs, na maior parte das vezes, lembrar não é reviver; lembrar um fato antigo não é transpô-lo tal como ocorreu no passado, pois nós não somos os mesmos de antes e porque nossa percepção, nossas ideias, visões da realidade e valores se alteraram com o tempo. Lembrar é um trabalho, é um refazer as experiências do passado com as ideias e valores de hoje. É reconstrução do passado a partir do material disponível no momento presente.

Segundo essa concepção, fica descartada a possibilidade de identidade entre um fato do passado e o lembrado no presente. Por menor que seja a alteração do ambiente, esse fato repercute na qualidade íntima da memória. Por esse caminho, o autor atrela a memória da pessoa à memória do grupo; e esta à memória coletiva de cada sociedade. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva; deslocamentos que venham a ocorrer, por exemplo, pertencer a outros grupos, alteram esse ponto de vista. Aquele que rememora estará, dessa forma, sempre desenrolando vários fios, fruto das experiências com outros e novos grupos, embora o sujeito que relembraria não se dê conta da convergência de muitos planos do seu passado que se cruzam, tendo a impressão da unidade.

Bosi, ainda ampliando esse tópico, coloca que

o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado. [...] As lembranças grupais se apóiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vi-

vemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. (Ibid., p. 414).

Além das informações trazidas por Bosi a respeito de como Bergson e Halbwachs entendem a memória, recolhi em Pêcheux, um dos expoentes da Análise do Discurso, uma breve passagem em que ele expõe a sua compreensão sobre o mesmo assunto:

[...] a certeza que aparece, em todo caso, no fim desse debate é que uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (1999, p. 56).

Retomando as posições de Pêcheux e Halbwachs, percebe-se que ambas, embora cada um desses autores se coloque em posições teóricas distintas, aproximam-se em relação à ideia de conceber a memória inserida num sistema dinâmico de relações interpessoais.

No presente trabalho, passo a analisar o corpus de que disponho sob a ótica da AD, assumindo as posições defendidas por Pêcheux e Halbwachs no tocante à concepção de memória.

Como foi dito anteriormente, o corpus de análise do presente trabalho é constituído pelas mensagens produzidas por ex-alunos que contêm passagens que podem ser interpretadas como exemplos do que Maingueneau denomina *dêixis discursiva*. É sobre esses textos, o corpus de análise, que pretendo realizar uma leitura reflexiva.

Maingueneau (1989), no capítulo 1 do seu livro, referente à cena discursiva, desenvolve a noção de *dêixis discursiva* no tópico *Cenografia e dêixis*. Inicialmente ele apresenta o que vem a ser *dêixis*:

Na língua, a 'dêixis' define as coordenadas espaço-temporais implicadas em um ato de enunciação, ou seja, o conjunto de referências articuladas pelo triângulo

EU ↔ TU — AQUI — AGORA (p. 41)

Acrescenta, a partir daí, a noção de *dêixis discursiva*, apresentando sua especificidade. Segundo o autor, embora ela possua a mesma função que a *dêixis*, manifesta-se num nível diferente: o nível do universo de sentido

que uma formação discursiva constrói pela sua enunciação. As três instâncias dessa dêixis — o locutor e o destinatário discursivos, a topografia e a cronografia —, em geral, não correspondem a um mesmo número de designação nos textos, mas cada uma delas recobre uma família de expressões que podem ser substituídas entre si.

Para dar um exemplo do que vem a ser a dêixis discursiva, Maingueneau toma, do discurso escolar da III República, a expressão “a República”, que nesse universo ocupa três lugares: ao mesmo tempo é o locutor discursivo (é a República que se dirige às crianças), é também a topografia (ela demarca o território do país) e a cronografia (a República é a última fase da história da França, de onde o discurso é enunciado). Também salienta o autor que, quando são utilizadas designações muito amplas, gerais, como é o caso de expressões como “o Ocidente”, “a República”, ocorre um deslizamento constante de uma instância para outra, podendo um mesmo termo ocupar as três posições. Acrescenta Maingueneau que a dêixis discursiva consiste apenas em um primeiro acesso à cenografia de uma formação discursiva.

## DISCUSSÃO

No corpus escolhido para análise, há expressões utilizadas por seus narradores, que podem ser vistas como exemplos de dêixis discursiva. Para demonstrar a ocorrência desse tipo de dêixis, reproduzirei a seguir alguns fragmentos do corpus onde se encontram expressões como “bons tempos”, “naqueles tempos”.

Um fato normal *naqueles tempos* era perder a caderneta escolar e tirar uma segunda via, sendo que a primeira servia para falsificar a idade para podermos entrar no cinema. (Nistinha e Mané, 17/11/98)

*Bons tempos* do nosso Culto à Ciência. Quem se lembra dos desfiles de 7 de setembro... Boas lembranças dos nossos tempos dourados. (José Fernando Braga Alves, 18/11/98)

... o riso foi geral, mas o professor acabou elogiando a atitude do sem-vergonha, mandou-o sentar e ainda citou como exemplo sua atitude para o resto da classe e continuou com a sua aula. *Bons tempos!!!!* (José Carlos Camargo Antunes, 20/11/98)

Os fragmentos acima transcritos são uma pequena amostra de um uso

bastante recorrente das expressões “bons tempos”, “naqueles tempos” feito por vários ex-alunos em seus casos/causos. Como tais narradores são pessoas de idades e até mesmo de gerações diferentes, tem-se, por certo, que vivenciaram o ambiente escolar em épocas distintas. Tal fato leva a crer que uma mesma expressão como “bons tempos” ou “naqueles tempos” utilizada por esses ex-alunos em suas mensagens escritas, não se refira a um mesmo espaço de tempo para todos eles, ou seja, os “bons tempos” ou “naqueles tempos” não correspondem ao mesmo tempo cronológico vivido pelo conjunto desses narradores. Os chamados “bons tempos” correspondem a períodos distintos, talvez décadas bem distanciadas, mas guardam, em comum, o fato de corresponderem à época vivida pelos diferentes narradores na mesma instituição escolar. Esses “naqueles tempos”, “bons tempos” são, muito provavelmente, o tempo da juventude dos ex-alunos, que, distanciados dessa fase de suas vidas, no momento da produção de seus casos/causos, retomam o período escolar vivido, como momentos especiais (“naqueles tempos”), como uma etapa extremamente agradável, positiva (“... e abri o guarda-chuva, segundos antes de ser colocado de férias forçadas por... nem me lembro quantos dias... O incrível é que ainda acho que foram *bons tempos*... [Roberto Zammataro, turma de 1969]”).

É interessante observar que, aos enunciadores, parece que os “bons tempos” não são um espaço de tempo indeterminado; ao contrário, são os tempos bons vividos somente por eles e seus contemporâneos na escola. Na tentativa de ver o seu tempo destacado de todos os períodos vivenciados por outros ex-alunos de outras épocas, procuram maneiras de caracterizá-lo, com determinadas formas linguísticas que assegurem ao narrador ser privilégio seu os “bons tempos” a que se refere.

É nesse sentido que à expressão “bons tempos”/“naqueles tempos” são acrescidas formas linguísticas como, por exemplo, artigos (“os bons tempos”), certos pronomes (“nossos tempos dourados”, “esses bons tempos”), expressões adjetivas (“nos bons tempos do Cultão”), cujo uso parece ao enunciador estar-lhe garantindo um referencial de tempo preciso. É o que se pode verificar nos fragmentos, a seguir, com grifos meus:

No nosso tempo de Culto à Ciência um grupo de colegas do colegial se uniu para em versos plagiando o grande Camões homenagear alguns professores da época. (Lúcia Farjallat Bicudo, turma de 1955)

Com efeito, esses bons tempos na minha cidade natal de Campinas, infelizmente ‘não voltam mais’, que pena! Muitos sóis são passados... (Reinaldo

Bons tempos aqueles que tivemos o privilégio de viver dentro do Culto à Ciência... Saudades da turma toda... e sei lá quantos outros que compartilharam desse incrível tempo. (Eduardo Rega, turma de 1969)

Caros amigos. Como é gostoso ver a família Culto à Ciência se reunindo, se confraternizando e relembrando os bons tempos que passamos no nosso colégio... (Iriberto Argenton dos Santos, turma de 1978 a 1980)

Pra variar, como sempre, nos bons tempos do Cultão, estudávamos na turma da noite... (Zé Carlos, 1979 a 1982)

No corpus analisado, a família de expressões “bons tempos”/”naqueles tempos” — incluindo nela o conjunto de formas alternativas que mantêm entre si uma relação de substituição — encontradas em vários fragmentos dos casos/causos, são exemplos do que Maingueneau chama de dêixis discursiva: atuam no nível do universo de sentido construído por uma formação discursiva através de sua enunciação. Mais precisamente, são exemplos de uma das três instâncias da dêixis discursiva, a saber, a da cronografia. Todo enunciador que narra seus casos/causos, na posição de ex-aluno do Colégio Culto à Ciência, fala de um tempo vivido nessa instituição escolar, reconstruindo o seu passado a partir do momento presente; refaz os momentos, provavelmente de sua mocidade, com os olhos de hoje, independente do período em que cada um lá viveu. Os “bons tempos” são de todos eles, que recriam o dia a dia escolar pelo viés da memória. Evidentemente, não importa nesse discurso o tempo cronológico específico a cada ex-aluno, mas o universo de sentido compartilhado por eles.

É interessante voltar aos textos que apresentam as expressões “bons tempos”/”naqueles tempos” ou suas formas alternativas, para que se possa verificar o que dizem os seus enunciadores a respeito da época que evocam, que motivos expõem para que tais tempos sejam por eles denominados de “bons”.

Uma análise desses textos permite ver que não há somente um fator que leve aqueles tempos a serem considerados bons, mas um conjunto deles.

A maioria dos casos/causos que usam as expressões “bons tempos”/”naqueles tempos” traz relatos de transgressões a normas escolares então vigentes ou relatos de situações de constrangimento tramadas pelos alunos contra figuras de autoridade, na época, no ambiente escolar — professores, inspetores, diretor.

Tais fatos narrados ocorrem pela ação de um só aluno — muitas vezes,

o próprio enunciador — ou por um grupo deles, onde o narrador também se encaixa. E são evocados quase sempre como “feitos heróicos”, talvez pelo fato de aquele que narra ter conseguido, mesmo que fosse numa única oportunidade, quebrar regras, burlar fortes, regulamentos existentes, afrontar figuras de poder da instituição escolar de décadas atrás. São evocados com regozijo, como casos que merecem ser contados a quem, como o narrador, também um dia esteve submetido, como aluno, às mesmas regras e imposições na mesma escola. É o que mostram os textos abaixo:

A minha grande amiga Maria Olívia de Lorena era terrível... Quando a professora de português foi recolher as cadernetas, como de praxe, nós colocamos um sapo seco dentro de uma delas... a professora quase teve uma síncope, pulou para trás e começou a babar (o que lhe era costumeiro....). E a classe toda era só gargalhadas!!! Bons tempos... (Débora Patlajan)

*O discurso de ex-alunos de uma escola pública: uma leitura*

89

Agora, uma coisa está me intrigando. Será que era só a minha turma que fugia pelo buraco do Alberto Krum pra comer pastel na feira do Botafogo e ouvir os discos (LP) no Eldorado (aquele que pegou fogo)?... (Iriberti Argenton dos Santos, Turma de 1978 a 1980 )

Um fato normal naqueles tempos era perder a caderneta escolar e tirar uma segunda via, sendo que a primeira servia para falsificarmos a idade para podermos entrar no cinema (Ah, se pudéssemos fazer o inverso hoje). Em um determinado ano o meu amigo Mané teve a brilhante idéia de mandar fazer um carimbo de COMPARECEU, para que pudéssemos matar aula à vontade sem que sua mãe desconfiasse, pois a caderneta estava preenchida com a presença todo dia. Eram tantos os clientes que formava fila atrás do Ginásio Alberto Krum para a carimbagem geral... (Nistinha e Mané)

Também dizem vários narradores, em seus textos, que os tempos eram bons pelas relações humanas que se estabeleceram na escola: pelos laços de camaradagem criados entre colegas de turma, pelas fortes relações de amizade que se formaram, pela convivência harmoniosa com professores, funcionários, que compartilhavam com eles o cotidiano escolar.

É com alegria e saudades que recordo daqueles anos de ouro. Sinto saudades do Luciano Limoli Jr. imitando Tom Jones em plena sala de aula. O Luís Hideiuk Kikushi fazendo defesas espetaculares no gol... O Miltão e seu tradicional terno preto. O querido e calmo Sr. Colombo. O professor Bento descobrindo velocistas e saltadores. Ficaria aqui contando com alegria os melhores momentos de minha vida de estudante... (Marcos G. Proost de Souza)

Também um narrador justifica “os bons tempos” por certas situações vividas com regularidade pelos alunos da escola, como a vigilância constante dos inspetores de alunos e suas falas repetidas, as aulas semanais de Educação Física, os desfiles anuais de 7 de setembro, as festas juninas, os campeonatos esportivos entre colégios, as idas e vindas diárias dos alunos à escola conduzidos pelo bonde que passava em frente ao colégio, os rituais de fim de ano... Num tom de nostalgia o narrador assim diz:

Bons tempos aqueles que tivemos o privilégio de viver dentro do Culto à Ciência... Saudades do famoso ‘Vamos circular’ que o Marcondes ou o Pau-linho sempre diziam quando chegavam perto da escada lateral, onde a turma se reunia no intervalo das 9:30 para fumar, às escondidas, o maço de Hollywood, com filtro (novidade), que era comprado em sociedade... Saudades das aulas de Educação Física do Professor Stuchi, que além de fazerem bem para nosso corpo, faziam bem para as nossas vistas, pois era o momento de dividirmos a quadra... com as alunas da Dona Lúcia. Saudades dos 7 de setembro, das Festas da Primavera, das Festas Juninas e suas boatinhas na sala de ping-pong do Ginásio de Esportes, ao som da famosa Sonata. Saudades dos campeonatos entre colégios, onde o Culto à Ciência era destaque em quase todas as modalidades. Saudades do bonde que não sei por que não conseguiu subir a Av. Barão de Itapura quando passávamos sabão nos trilhos, lembra Zama e Arvrão? Saudades do ritual de destruir os cadernos na frente do colégio todo fim de ano (isto é, quando passávamos para outra série)... (Eduardo Rega, turma de 1969)

E também há quem mencione que os tempos eram bons, dentre outros motivos, pelo ensino que, nessa escola, se desenvolvia e que permitiu, segundo o narrador, o seu ingresso ao curso superior sem a necessidade de fazer cursinho. Assim se coloca um ex-aluno formado na turma de 1959 :

Aos colegas do Culto à Ciência. Lamentando não poder comparecer a esse memorável congraçamento dos ex-alunos do Colégio Estadual Culto à Ciência, onde tive a honra de completar meu curso colegial (clássico) e que me possibilitou ingressar na Universidade, sem cursinho... Com efeito, esses bons tempos na minha terra natal de Campinas, infelizmente não voltam mais, que pena! Muitos sóis são passados... (Reinaldo Silva Coelho, turma do Clássico de 1959)

Com relação à exposição de motivos apresentados pelos narradores para justificar o uso da expressão “bons tempos” e suas formas alternativas, chama a atenção o fato de que a maioria dos enunciadores tenha relacionado esses tempos agradáveis, positivos à violação de normas, às

transgressões cometidas pelos alunos no ambiente escolar. Embora outros motivos tenham sido também elencados, fica evidente que os “bons tempos” foram bons principalmente por ter ocorrido quebra de regras, por terem acontecido situações de escape à vigilância sempre presente, situações de burla ao estado de ordem. Mesmo sem levar em conta a gravidade ou não das transgressões, parece que o que importa aos narradores é contar que, se elas ocorreram, é porque eles, os alunos, criaram condições para que as violações pudessem ocorrer. Houve um empenhamento pessoal ou de grupo para que, ao lado do estado de ordem, pudesse surgir ou coexistir a instabilidade, a irreverência.

A breve análise dos textos que utilizam a expressão “bons tempos” ou suas formas alternativas permite mostrar que tais tempos denominados bons não correspondem a um espaço de tempo determinado, que tenha início e fim em datas precisas. São períodos de tempo variados, correspondendo cada um ao período de tempo vivido pelo narrador naquele determinado ambiente escolar.

É interessante destacar, também, que esses “bons tempos” parecem ter uma existência independente do mundo exterior, das situações turbulentas que pudessem estar ocorrendo nas esferas econômica, política e social nas diferentes décadas passadas. Os textos mostram que o mundo dos “bons tempos” vive à parte e que esse mundo parece restringir-se ao espaço físico escolar — o Colégio Estadual Culto à Ciência —, à rede de relações humanas vividas, nesse ambiente, pelo narrador em sua adolescência/juventude e seus contemporâneos — colegas, amigos, professores, diretor, funcionários —, permeadas pelas regras e normas previstas e suas possíveis transgressões na instituição escolar ao longo dos tempos.

Tal isolamento do mundo exterior que os textos que utilizam “bons tempos” parecem demonstrar é passível de uma interpretação. Parece que entender tal situação como consequência da existência de jovens alienados, “transviados”, preocupados em salientar, principalmente, os escapes bem-sucedidos no ambiente escolar, é ver pouco.

Penso que pelo menos duas outras situações devem ser levadas em conta. Por um lado, a presença, no passado, de um forte esquema de vigilância, repressão e punição da instituição, que procurava, em sintonia com outras instâncias, a todo custo, impedir que seus alunos alçassem vôos para fora dos “muros da escola”, enxergassem além do que lhes era permitido. Por outro lado, a existência, no presente, do olhar do ex-aluno adulto que, voltando ao passado, confronta momentos, períodos de ontem e de hoje, revê sua época juvenil e a reconstrói com os olhos do presente como um tempo melhor, livre de outras preocupações e deveres, a não ser o cumprimento

das tarefas escolares. Assim diz um dos narradores:

...assim eu salvo todas as histórias aqui contadas pra poder ler quando quiser matar as saudades de quando fomos mais felizes. (Edmilson Siqueira)

A visão de Halbwachs sobre a memória pode aqui ser retomada. Segundo o autor, cada passagem lembrada, na maior parte das vezes, não é um reviver o passado tal como ele aconteceu, não é um transpor o vivido para o momento presente. Tomando esse autor como referência, cada texto produzido pelo narrador evocando “os bons tempos” passa a ser entendido como um trabalho, como uma reconstrução do vivido com os olhos do presente, da maturidade, da lembrança.

Também a concepção de Pêcheux (1999) sobre a memória pode ser buscada. O autor ao referir-se à memória diz que ela não poderia ser concebida como uma esfera plena, que acumularia em seu interior um sentido homogêneo. Ao contrário, para ele, a memória é um espaço móvel de divisões, de retomadas, de réplicas, polêmicas e contra-discursos.

A análise dos textos que usam a expressão “bons tempos” podem deixar transparecer uma memória evocada pelo conjunto de ex-alunos cujo conteúdo seja homogêneo, de uma só voz; entretanto, um exame mais atento do amplo conjunto de textos produzidos (e não só dos que usaram a expressão “bons tempos”) permite ver que a situação não é bem essa. Há alguns outros textos — na verdade, bem poucos —, que merecem ser considerados. Isto porque trazem, em seu interior, outros olhares, outras falas, outras cenas não rememoradas pela grande maioria dos ex-alunos. Mais precisamente, deixam vazar “o lado de fora dos muros da escola” vividos nos anos sessenta: fatos ocorridos no âmbito internacional e, principalmente, no nacional, embora sempre mesclados com o narrar de cenas do mundo interno à escola.

A relevância desses poucos textos está no fato de permitir mostrar que a memória não é um espaço perfeitamente delimitado, cujo conteúdo é um sentido único; ao contrário, é um espaço móvel, aberto, que carrega uma multiplicidade de sentidos. Os fragmentos abaixo são retirados desses poucos textos:

O ano era 1968, o Fusca 1300 fazia sucesso, os Beatles estavam no auge. Rita Lee e os Mutantes tinham chocado o público no festival da Record, Alegria, Alegria tocava sem parar nas rádios. Tio Sam imperialista acabava com seus jovens no Vietnã, e a ditadura fazia estragos aqui no país dos milagres. Ainda me lembro bem das primeiras aulas de história, quando o poderooso povo

romano invadiu a Península Ibérica, óbvio que era o Professor Pedrinho com seu inconfundível estilo, e comecei a perceber que o Culto à Ciência seria, na vida de um garoto de onze anos, marca indelével de aprendizado, de disciplina, de amizades sólidas, e principalmente do discernimento dos fatos que aconteciam no mundo todo, inclusive um movimento estudantil reprimido com violência. (Carlos Alberto Benfatti, turma 1968/1974)

Quem se lembra? Do bonde 9 descendo a 13 de maio às 12:30... (Quantas latas de lixo pelo chão) Do sundae na Americana após a última prova do ano... Das matadas de aula no Cine Ouro Verde... Das maratonas de matemática. Das excursões à TV Record. Do Paulinho Pornográfico. Da faxina na sala do Sílvio Pirulito. Dos festivais. Da repressão da UNE e UCES. Da Festa do Chapéu Velho... Da aula de canto da D. Mariinha... Da sala de carimbar as cadernetas. Do Dr. Galiza (que auscultava o coração das meninas com as orelhas). Das substitutas... (Lamartine, turma de 1968)

*O discurso de  
ex-alunos de  
uma escola  
pública:  
uma leitura*

93

Ceará e eu fizemos a segunda série juntos. Era a segunda B no fatídico ano de 1964. Logo no começo de março decidimos, ele e eu, enforcar as aulas. Como éramos marinheiros de primeiríssima viagem, ficamos por ali pelo pátio... sem saber o que fazer, já que os portões, assim que tocava o sinal, eram fechados... Só nos restava como alternativa para sair do colégio pular o muro do campo de futebol. E lá fomos nós... Nossas camisas brancas ficaram marcadas pela escalada, sem contar o tombo que levamos para chegar ao chão da Delfino Cintra, sujando também nossas calças cinzas e os livros e cadernos. Era o mês de março começando. E a gente nem desconfiava que o fim do mês ia ser muito, mas muito pior... (Edmilson Siqueira, turma de 1963 a 1970)

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Resta ainda retomar a questão que foi colocada no início do trabalho: que sujeito era esse que participou como aluno daquela instituição pública de ensino há décadas atrás e que foi rememorado pelos narradores? Embora o que foi anteriormente discutido seja uma breve análise de parte do conjunto de textos produzidos pelos ex-alunos narradores, é possível tecer alguns comentários sobre o sujeito que existiu naquela escola.

Qualquer comentário que seja feito parte do que foi evocado pelo narrador, mediado por sua memória, fato que, de antemão, assinala a impossibilidade de reconstituir tal sujeito tal como se apresentava há décadas atrás.

A reflexão feita sobre os textos permite propor a existência de um sujeito assujeitado pelo conjunto das normas, regulamentos vigentes no

ambiente escolar, pelo constante sistema de vigilância e pelas formas de punição sempre prontas a serem aplicadas. Tal aparato de regras, vigilância e punição certamente impediu que o mundo dos “bons tempos” se ampliasse para além do ambiente escolar; por outro lado, o assujeitamento do aluno não foi total, pleno, a ponto de impedir que surgissem pequenas burlas, transgressões, violações — no fundo pequenas táticas criadas pelo sujeito para ludibriar a estabilidade da instituição, e para escapar da loucura.

*Graziela  
Lucci  
de Angelo*

---

94

*Recebido em abril de 2009 / Aceito em maio de 2009*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, P. [et.al.]. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 .

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et.al.] **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.